


FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS) E CONDIÇÃO DOCENTE

Aguinaldo da Silva SANTOS*

 <https://orcid.org/0000-0002-8553-7258>

Maria Cristina Lopes dos SANTOS**

 <https://orcid.org/0000-0001-7560-0260>

SOUZA, João Valdir Alves de *et al.* **Formação de professores(as) e condição docente.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 283 p.

O presente livro resulta dos diálogos ocorridos por cerca de três anos entre o Núcleo de Pesquisa sobre Condição Docente (PRODOC) e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Faculdade de Educação da UFMG (PIBID - FaE / UFMG). A partir das reflexões e contribuições de professores universitários, licenciandos em formação inicial e professores de escolas públicas, objetiva-se romper a visão prescritiva da formação de professores aproximando os conhecimentos produzidos na universidade e a prática docente na escola de educação básica. Os organizadores da obra são: João Valdir Alves Souza, Margareth Diniz e Míria Gomes de Oliveira. O livro está dividido em quatro partes, sendo que a primeira apresenta debates sobre a “Licenciatura, Aspectos históricos e desafios contemporâneos”, com quatro textos. A segunda parte do livro tem por tema “Pesquisa sobre Formação de Professores”, com três textos. Na terceira parte, o livro apresenta cinco textos relativos à “Formação Docente e Contexto Escolar” e, finalmente, dois textos na parte quatro. A obra aborda dilemas da “Formação de Professores(as) para a Diversidade” nos dias atuais.

A primeira parte do livro é iniciada sob o título “Dimensões Normativas e Desafios Atuais”, de João Valdir Alves de Souza, em que defende que a modernidade trouxe em seu bojo a necessidade de uma educação específica como resposta às mudanças da sociedade em esferas econômicas e culturais. Do exposto na história da educação brasileira desde o período colonial até a atualidade, depreende-se que conduziram à normatização da universalidade do ensino fundamental, entretanto, não tendo o estado condições políticas para ofertar educação de qualidade. Dentre os dilemas refletidos na contemporaneidade, destaca-se a desvalorização do diploma de professor e, conseqüentemente, a baixa procura por esse curso nas graduações. O

* Doutorando em Educação / Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). E-mail: praguinaldo12@hotmail.com

** Graduada em Pedagogia / UFMS 2010, Especialização; Supervisão, Orientação e Gestão Escolar com Ênfase em Psicologia Educacional. Professora concursada no município de Três Lagoas - MS. E-mail: cristina-lobes-s@hotmail.com

que o estado e a sociedade podem fazer para tornar a docência atrativa aos jovens brasileiros que ingressam na universidade?

André Marcio Picanço Favacho, no segundo texto, aborda questões relativas ao discurso educacional e, fundamentado em Michel Foucault, analisa a dominação colonial das crianças para a educação, sendo o mesmo processo discursivo, porém, agora para educá-las para a vida adulta e preencherem necessidades do mercado de trabalho.

No terceiro texto dessa primeira parte, Maria Antonieta Bianchi (*in memoriam*) levanta de seus arquivos a história da educação mineira para contextualizar determinado momento da dinâmica política em Minas Gerais, fato esse que projetaria o atual governador à Presidente da República nas eleições seguintes.

No último momento dessa primeira parte do livro, Luciano Mendes de Faria Filho, em seu artigo, chama a atenção para o tema silenciado nos bastidores da política governamental. Refere-se ao que diz ser um discurso necessário acerca de tópicos imprescindíveis que urgem aos debates e ações efetivas no sentido de restabelecer o *status quo* da qualidade da educação, valorizando os profissionais salarialmente e atualizando a logística humana e material para o exercício docente. Assim, possivelmente, até se atraíam novos pretendentes à docência dentre a juventude em idade universitária.

Na segunda parte do livro, sob o título “Pesquisa e Formação com Professores”, Júlio Emílio Diniz-Pereira indaga acerca do campo de pesquisa e de como esse se constitui. Na abordagem do autor, são apontadas modificações no Brasil e no mundo. Diniz-Pereira localiza, nos periódicos produzidos até a década de 1970, estudos acerca da formação de professores, porém, totalmente voltados ao treinamento técnico dos docentes. Já na década de 1980, o foco da formação de professores passa a ser o caráter político e o compromisso do docente com a sociedade. A partir da década de 1990, a formação docente confere ênfase às contribuições dos estudos das narrativas e os pesquisadores apontam que ultimamente se tem estudado o professor por uma nova perspectiva, como sujeito. Do ano 2000 adiante, o foco fora direcionado às professoras, identidade e formação profissional, gênero e outras questões relevantes da sociedade brasileira. Atualmente, o interesse está em imbricações da identidade do docente e suas relações. Nessa pesquisa, o autor destacou a importância das metodologias nas novas pesquisas realizadas por meio de entrevistas e questionários, dentre outros meios de se ouvir o professor. As recomendações que são apresentadas pelo pesquisador são trazidas da comunidade internacional de pesquisa em formação de professores e, dentre as oito, destaca-se

uma: que as pesquisas qualitativas e quantitativas sejam relacionadas e que haja aprimoramento das metodologias.

Em “Pesquisa em Formação com Professores”, autores Wagner Ahmad Auarek, Célia Maria Nunes e Maria José de Paula afirmam que, ao deixar esse olhar de objetificação para sujeitificação do professor, torna possível a percepção de novos sentidos para a visão de vida do indivíduo e, conseqüentemente, para a sociedade, por intermédio das narrativas. Na compreensão apresentada pelos autores, se faz necessário ouvir o sujeito, o qual dirá o que quer dizer, não o que o entrevistador quer ouvir. Os autores expõem que esse sujeito, ao narrar, se aproxima do entrevistador, os quais se identificam e se afetam mutuamente. Esse campo da narrativa se aprimorará como metodologia acerca da formação de professores e sua condição.

Na terceira parte do livro, o artigo de Miria Gomes de Oliveira, intitulado de “A sala de aula, seus sujeitos e suas relações, tece uma breve retrospectiva histórica acerca de seu surgimento e discute as relações intersubjetivas que constituem e são constituídas nos processos interativos de uma sala de aula e destaca que os artefatos escolares são herdados das práticas educativas de religiões cristãs, apropriados pelo estado educador burguês. Ainda discute o papel da escola após a Revolução Francesa e as relações do papel da escola moderna. Entende a autora que a sala de aula é um campo de formação discursiva, onde formas de conhecimentos explícitos e implícitos circulam, competem e interagem, a partir de um princípio ético e educativo fundamentado nos ideais de uma sociedade inclusiva. Na sala de aula moderna, as práticas pedagógicas são comprometidas com a justiça social. As possibilidades de sentido podem variar de acordo com os referenciais culturais e ideológicos de professores e alunos. O diálogo entre professores e alunos constitui o processo de formação da subjetividade de ambos e determina o sucesso de aprendizagem. A sala de aula continua sendo um dos poucos contextos sociais em que o conhecimento científico pode ser contextualizado e explicitado através da mediação pedagógica do outro. O sujeito está sempre se constituindo nos atos de recepção ou resistência frente a esse outro.

Miria Gomes de Oliveira considera formulações bakhtinianas acerca da subjetividade e da ética as quais podem nos ajudar a observar as relações entre professores e alunos. É fundamental que o professor, ao assumir a função que lhe é atribuída pela escola, use a sua criatividade para organizar as diferentes vozes e conhecimentos presentes na sala de aula para organizar o diálogo, posicionar o aluno em contato com os diversos discursos conflitantes para que questione formas sociais de exploração humana, de alienação e de poder, para que possa optar e atuar a partir da constituição de seus próprios posicionamentos e discursos. Buscar

experiências e vivências éticas em sala de aula é buscar as condições que capacitam à ação humana nos processos interativos. Portanto, reconhecer a heterogeneidade entre os sujeitos é um caminho para refletirmos sobre nossas ações, indo além das relações interculturais ou de simplesmente considerá-las como mero reflexo da lógica da dominação.

Graça Paulino e Elaine Maria da Cunha Moraes, no texto, discutem a importância da literatura como prática cultural no processo de alfabetização e letramento, analisando os resultados da Avaliação Brasileira do final do Ciclo de Alfabetização, mas os resultados estão aquém daqueles esperados, apesar dos investimentos feitos pelo governo na educação brasileira, como por exemplo, o Programa Nacional do Livro Didático e o Programa Nacional da Biblioteca Escolar. Ressaltam que a literatura pode contribuir para efetivar o processo de alfabetização e letramento no sentido amplo da formação do estudante, favorecendo a educação de um sujeito capaz de expressar-se com autonomia através da linguagem oral e escrita, assumindo a autoria do seu discurso e seu posicionamento.

Em outro bloco temático, Luciano Campos Silva discute a questão da indisciplina em sala de aula e destaca que os comportamentos de indisciplina, dependendo da frequência com que ocorrem, podem afetar as aprendizagens e a socialização dos estudantes. A questão da indisciplina é complexa, com causas diversas, o que faz com que cada situação ou fato possa exigir intervenções específicas para cada um. Contudo, os resultados alcançados por pesquisas indicam caminhos aos professores, sugerindo-lhes práticas docentes possíveis de proporcionar um clima disciplinar em sala de aula. A disciplina escolar, desenvolvida de forma democrática, poderá favorecer o desenvolvimento nos alunos de valores e das atitudes indispensáveis ao exercício pleno da cidadania.

Em seguida, o autor Wagner Ahmad Aurek apresenta sua análise realizada da condição docente no contexto contemporâneo. As análises e discussões descrevem a sala de aula contemporânea como um espaço em momento de crise. Crise no sentido de colocar o docente em momentos críticos e de crítica em relação aos seus conhecimentos e práticas. Crise essa que está a desafiar a estabilidade de velhas seguranças e certezas na docência e as verdades acadêmicas, provocando mudanças profundas no trabalho do professor no meio social e no valor que a sociedade atribui à educação e à docência. Ser professor na contemporaneidade vai além dos papéis convencionais, vai muito além da ideia de dominar o conteúdo. Os alunos que chegam à escola são portadores de direitos e têm familiaridade com as novas tecnologias e expressam suas opiniões. O que exige do professor um novo tempo e uma condição que o leva a ter que mudar sua prática em sala de aula. O que move o professor, em sua cultura e condição

docente, é o seu olhar sobre a sua prática, o que envolve suas concepções sobre seus alunos e sua relação com eles sobre o fazer e pensar educativo.

Na sequência, João Valdir Alves de Souza discute, em seu artigo intitulado “Os profissionais do Ensino como mediadores das culturas na escola”, fazendo uma retrospectiva histórica do papel da escola, destacando ainda a dimensão do trabalho dos profissionais do ensino como mediadores das culturas na escola. Aponta elementos relativos à formação de professores, para que possam se situar de modo mais consistente como mediadores culturais no enfrentamento dos desafios encontrados na prática. A mediação cultural pressupõe, pois, construir um amplo conhecimento sobre culturas. É com base no seu próprio repertório cultural que o professor faz as escolhas do que ensinar e do modo de ensinar, ainda que seja uma escolha inserida no debate coletivo com seus pares. O autor destaca que a educação é uma prática social ou ação orientada por um valor (político, social, ético, estético) assumido como relevante e esse valor tem uma dimensão de positividade a orientar uma prática, o que se espera dos mediadores culturais na escola é que suas ações sejam balizadas pelo exercício sistemático de reflexão sobre as culturas.

Tendo por tema geral “Formação de Professores(as) para a diversidade”, a última parte do livro é composta por dois trabalhos. No artigo “Possibilidades de uma Compreensão Intercultural dos direitos LGBT na Educação”, afirma-se que os direitos LGBT são tema mundialmente debatido na atualidade. Marco Antônio Torres elucida acerca de conceitos, resultados de pesquisas e confronta teorias, causando provocações ao diálogo, além de respaldar movimentos que atuam no enfrentamento da heteronormatividade, abordado aqui de forma específica na educação. Documentos como Os Princípios de Yogyakanta, Pacto Nacional de Promoção da Cidadania e dos Direitos Humanos de LGBT dão noções do que pode ser “orientação segura” e “identidade de gênero”, termos utilizados por Michel Foucault na análise de poder entre “Estabelecidos e Outsiders”. As noções de dignidade humana variam em cada cultura, porém o que se pretende evitar, em nosso caso, é que a tolerância não seja apenas uma forma de modalizar a desigualdade, a discriminar, conforme nossa democracia.

“Formação Docente para Atendimento Educacional às Crianças que apresentam Deficiências e/ou Necessidades Especiais: Do discurso universal ao caso a caso”, trabalho de Margareth Diniz, no qual apresenta a contraposição dos vários e diferentes grupos sociais à homogeneização instalada e valorizada na sociedade contemporânea. Tais grupos sempre estiveram aí, porém, sem voz e vez no Estado democrático de direito. A autora cita Stuart Hall que por sua vez fundamenta-se nas teorias marxistas, freudianas, saussurianas, foucaultianas e,

finalmente, dos próprios movimentos sociais. Assim, desloca-se o sujeito que precisa ser ouvido, especialmente a criança com deficiência, acerca de suas necessidades e seus direitos. Finalizando, a autora leva o professor a ponderar acerca de sua autoridade e encontrar modos de ensinar essa pessoa com necessidades especiais.

Ao ler esse livro, pesquisadores, acadêmicos ou outros interessados, serão confrontados com a realidade vivenciada no território brasileiro. Realidade essa constatada pelo Núcleo de Pesquisa sobre Condição Docente e o Programa Institucional de Bolsas de a Iniciação à Docência da Faculdade de Educação da UFMG. Escolas com estruturas precárias, professores desmotivados e alunos com suas idiossincrasias. O leitor olhará a formação de professores por outro prisma, o do sujeito-professor, o que trará novas reflexões, compreensões e recomendações acerca de como se poderão aprimorar novas pesquisas em favor do profissional, para que possa atender o sujeito-aluno em sua singularidade com educação de excelência.

Recebido em: 03 de setembro de 2020.

Aprovado em: 10 de fevereiro de 2021.